

Economia e Idolatria:

Dois Temas Relacionados da Tradição Cristã segundo Lutero e Teólogos Latino-Americanos¹

Ricardo W. Rieth

1. Introdução

Em primeiro lugar cabe perguntar se é possível comparar a reflexão de Lutero sobre temas econômicos com a de teólogos latino-americanos. Entre aquele e estes há um profundo abismo, surgido a partir do pensamento iluminista e especialmente de uma ciência econômica desconhecida no séc. XVI. Os pressupostos para uma análise — entre eles a realidade social e as ciências sociais, que determinam toda e qualquer mediação hermenêutica — mudaram completamente.

Esse poderia ser o motivo por que teólogos não-luteranos da América Latina que têm se ocupado com a vida, o pensamento e a repercussão do reformador, pouco têm a dizer sobre Lutero quando ele se põe a refletir acerca de temas econômicos².

Apesar disso, Lutero e certos teólogos latino-americanos têm algo em comum. Ao refletirem sobre a situação e as relações do contexto econômico, eles consideram a Sagrada Escritura de um modo que não deve ser menosprezado. Por meio de sua interpretação da Bíblia, são impulsionados a dirigir os olhos criticamente ao mundo que os rodeia e a tematizar a questão da idolatria.

Assim, gostaria de ressaltar aqui alguns aspectos da reflexão sobre as implicações entre economia e idolatria em Lutero e em teólogos latino-americanos, sublinhando especialmente a maneira como textos bíblicos são usados para fundamentar seus juízos teológicos.

2. Oposição entre Idolatria (*Götzendienst*) e Culto a Deus (*Gottesdienst*), entre Ganância e Fé no Pensamento Econômico de Lutero

Na tradição cristã, o ídolo, os ídolos e o culto aos ídolos foram contrapostos ao único Deus e ao verdadeiro culto a Deus³. Lutero viveu nessa e dessa tradição. Além disso, a pergunta por Deus não pode de modo algum ser separada da pergunta pela fé em se tratando do pensamento de Lutero. Sua conhecida explicação do primeiro mandamento no Catecismo Maior mostra-o com clareza:

Que significa ter um Deus, ou, que é Deus? Resposta: Deus designa aquilo de que se deve esperar todo o bem e em que devemos refugiar-nos em toda abertura. Portanto, ter um Deus outra coisa não é senão confiar e crer nele de coração. Repetidas vezes já disse que apenas o confiar e crer de coração faz tanto Deus como ídolo. Se é verdadeira a fé e a confiança, verdadeiro também é o teu Deus. Inversamente, onde a confiança é falsa e errônea, aí também não está o Deus verdadeiro. Fé e Deus não se podem divorciar. Aquilo, pois, a que prendes o coração e te confias, isso, digo, é propriamente teu Deus.⁴

Lutero quis auxiliar os alunos do Catecismo e citou toda uma série de exemplos de ídolos do-dia-a-dia: “grande erudição, inteligência, poder, apreço, parentela e honra”⁵. Antes, porém, ele já apontara para um outro ídolo, descrevendo-o mais detalhadamente do que os acima citados. Vale a pena considerar com atenção a formulação de Lutero:

Há muito quem pensa que tem Deus e o bastante de tudo quando possui dinheiro e bens. Tão inabalável e confiadamente deles se fia e jacta, que ninguém lhe vale coisa nenhuma. Eis que tal homem também tem um deus, Mâmon de nome, isto é, dinheiro e bens, em que põe o coração todo. Esse aliás é o ídolo mais comum na terra. Quem possui dinheiro e bens sabe-se em segurança, e é alegre e destemido como se estivesse assentado no meio do paraíso. Por outro lado, quem nada possui, duvida e desespera, como se de nenhum Deus tivesse notícia. Pois a gente vai encontrar bem poucas pessoas que estejam de bom ânimo e não se lastimem nem se queixem quando não têm Mâmon. Isto se gruda e adere à natureza até a sepultura.⁶

Se o reto conhecimento de Deus e o verdadeiro culto dependem de uma fé correta, então o conhecimento dos ídolos e a idolatria também estão em estreita relação com a incredulidade. Além disso, se o assunto em Lutero é incredulidade e idolatria no âmbito da economia (culto a Mâmon), não se pode esquecer da ganância⁷. O termo na verdade não aparece nas citações do Catecismo — como é o caso em muitos escritos do reformador — acima, mas a referência ao conceito como tal é clara.

A ganância assumiu um significado central no pensamento teológico de Lutero quando foi por ele, de um lado, igualada à incredulidade. Ele compreendeu incredulidade neste contexto em oposição à fé como confiança na ajuda de Deus. Por outro lado, Lutero também identificou a ganância com a idolatria ou culto às riquezas, em oposição à verdadeira adoração, ao verdadeiro culto a Deus. A ganância arruina os frutos da fé. Ela destrói as boas obras que brotam da fé e não podem ser separadas dela. Isso pode ser observado principalmente na relação das pessoas com os bens que possuem ou desejam possuir. A ganância destrói igualmente o princípio básico pelo qual deve ser determinada a postura para com os bens e o dinheiro na relação de cada um consigo mesmo e com os que o cercam. Esse princípio, por sua vez, é criado pela fé e moldado pelo amor ao próximo.

2.1. Idolatria, Economia e Interpretação da Bíblia⁸

2.1.1. Incredulidade como Raiz da Injustiça: Sl 5.10 e 14.4

Ao interpretar o Sl 5.10, durante sua segunda preleção sobre os Salmos (1519-1521), Lutero criticou fortemente os gananciosos e idólatras dentro da Igreja. Tratou de relacionar o texto com outros testemunhos da Sagrada Escritura, como Lc 20.47, Am 4.1 e Is 56.10-12. Os mestres ímpios, descritos nesse texto, são os que não apontam com seu ensino para o caminho de Deus. Eles querem muito mais alcançar seus próprios interesses, mostrando-se para tanto sob a fachada de servidores de Deus. A melhor interpretação para esse texto bíblico seria, segundo Lutero, sua própria realidade, marcada pela exploração material do povo — instrumentalizada por meio da pregação da justiça das obras — e pelo péssimo comportamento do clero.⁹

Ao interpretar o Sl 14.4 por ocasião da primeira preleção sobre os Salmos (1513-1516), Lutero já tematizara a questão da idolatria. As palavras do versículo — *Operantur iniquitatem et devorant plebem* — teriam sido, para ele, agrupadas de modo apropriado. Ali estariam sendo criticados os gananciosos, que querem ser admirados como bons obreiros e reconhecidos como sal da humanidade. A fé, no entanto, que é o verdadeiro culto a Deus, é incompatível com a ganância, que, por sua vez, deve ser compreendida como idolatria¹⁰. Esta mesma passagem Lutero interpretou na segunda preleção sobre os Salmos. Especialmente a segunda parte do versículo — *devorare plebem propter escam panis* — é uma descrição da ganância, que o reformador tratou de relacionar com a incredulidade e a impiedade. Nisso ele baseou então uma ácida crítica à Igreja. Com as palavras *Dominum non invocaverunt* o salmista estaria apontando para a incredulidade como causa da injustiça provocada pela ganância. O fato de o nome de Deus não ser invocado significa que não há confiança alguma nele como mantenedor e sustentador de todas as pessoas e da criação. A ponte para a crítica à Igreja se daria, porque esse texto se refere em primeira linha aos profetas que devoram o povo. O clero da época de Lutero estaria fundamentando seu ensino na ganância, explorando desse modo o povo, que, por sua vez, também passaria, em decorrência disso, de vítima a autor da injustiça¹¹. Na tradução da Bíblia, Lutero salientou por meio de notas marginais aos versículos 1 e 5 o tema da incredulidade e suas decorrências no comportamento humano¹².

2.1.2. Mascaramento e Desmascaramento da Idolatria: Ef 5.3-5

Em Ef 5.3-5, Lutero considerou importante a ligação estabelecida entre idolatria e ganância. Na prédica sobre Ef 5.1-10 redigida para o sermão de Quaresma (1525), ele afirmou que, segundo esse texto, não poderia ocorrer exploração de um cristão pelo outro e tampouco desavenças — lembra aqui 1 Tm 3.8 — por causa de bens temporais. Caso algo semelhante viesse a ocorrer,

isso de modo algum poderia ficar sem repreensão e perspectiva de melhora. O ensino do evangelho deveria ser livremente mantido lá mesmo, entre os integrantes da comunidade, para que o ministério eclesiástico não fosse difamado¹³. A santidade dos cristãos deveria ser demonstrada em sua prática. Mesmo com todas as suas imperfeições, eles deveriam ansiar diariamente por uma existência em castidade e sem ganância, a fim de que Deus fosse assim louvado e honrado, e os descrentes fossem aperfeiçoados¹⁴. Quem não confirma sua fé por meio dos frutos dela provenientes é um gentio sob o nome de cristão¹⁵. A condenação por Paulo do ganancioso como idólatra no versículo 5 — o que também faz em Cl 3.5 — demonstra como ele foi inimigo acima de tudo dos gananciosos. Um ganancioso guarda dinheiro e bens tão-somente para si, como se fossem seu deus. Ao invés de dispor deles para apoiar materialmente os colaboradores nas igrejas e escolas, ele prefere que tanto o governo secular como o espiritual se arruinem. Deposita sua certeza e confiança no dinheiro e não no Deus vivo, justamente aquele que é responsável por sua subsistência. Desse modo completa-se com a incredulidade o círculo iniciado pela ganância e pela idolatria¹⁶.

Nessa mesma prédica, Lutero interpretou Ef 5.6 como exortação do apóstolo para que a ganância seja desmascarada em sua imagem e maquiagem de justiça. O fato de o outro ser explorado e o pobre passar constantemente necessidade nada significaria, já que o ganancioso considera sua prática racional e necessária em função das determinações econômicas¹⁷. A ganância causa a ira de Deus, citada no mesmo versículo, da mesma forma como junto com a licenciosidade causou o dilúvio. Também outros textos bíblicos — p. ex., Nm 25.18; 1. Co 10.8 — comprovam a dura ação divina nesse caso. Quem não confirma sua fé com a ação vale diante de Deus tanto quanto um gentio, é um desertor de Cristo e da fé. Por causa da ganância já estaria se manifestando em sua época, segundo Lutero, a ira de Deus, na forma de carestia, peste, guerra e derramamento de sangue¹⁸. Para ele, Paulo estaria falando na verdade dos que não consideram pecados, como a ganância, pecados. Ele mesmo, porém, também pensava aqui naquelas pessoas que estão conscientes do pecado cometido, mas pensam alcançar a bem-aventurança sem a prática de boas obras, devendo apenas crer. No fim das contas, levariam uma vida que não consiste em castidade e liberalidade, suscitando a ira de Deus¹⁹.

2.1.3. *Evangelho Vivo contra Idolatria: Mt 6.24*

Em Mt 6.24, para Lutero, Cristo estaria diferenciando entre cristãos, gentios e descrentes. Tão-somente ouvir e repetir a palavra de Deus não torna alguém cristão. O evangelho é um ensino vivo, que deve ser convertido em obras e deve trazer força e consolo às pessoas. Ser cristão pressupõe o crer juntamente com o agir. “Mâmon” se refere nesse contexto aos bens que as pessoas simplesmente acumulam e não usam. Quem limita a isso o sentido de sua vida pouco considera a palavra e o reino de Deus, vivendo sob a influência da ganância. Os cristãos

verdadeiros, ao contrário, oram pelo pão de cada dia (Mt 6.11) e se satisfazem com o que possuem. As palavras *servire mammonae* coincidem com *Cavete avaritiam, quae est idolorum servitus* (Cl 3.5). Os evangelhos e Paulo ligam a maioria das vezes a ganância — e não os outros pecados, como luxúria e ira, que também são contra Deus — com a idolatria²⁰.

2.1.4. *Virtude diante do Mundo, Pecado diante de Deus: Is 5.8*

A passagem de *Is 5.8* — *Ve qui coniugitis domum ad domum* — de modo algum poderia, segundo Lutero, ser interpretada alegoricamente. De acordo com o testemunho de Ef 5.3, Cl 3.5 e Mt 6.24, as palavras aqui presentes são literalmente dirigidas contra a ganância. A respeito desta, que por sua vez é um ídolo contra a fé, Deus e o mundo fazem juízos absolutamente distintos. O mundo não a castiga, considerando-a uma virtude.

Lutero considerou necessária também em outras ocasiões essa retomada da situação histórica vétero-testamentária em detrimento da interpretação alegórica. Na introdução ao livro de Isaías (1528), onde descreveu a ação e pregação do profeta — como de resto o fez em relação aos outros profetas na introdução ao conjunto dos livros proféticos²¹ — como combate à desobediência contra o primeiro mandamento e à idolatria, recomendou ao leitor desse livro a leitura prévia de 2 Rs e 2 Cr:

Para quem quiser entender a profecia é necessário saber como eram as coisas no território, como tudo estava disposto, que intenções tinham as pessoas, ou que pretensões tinham com ou contra seus vizinhos, amigos e inimigos. E, em especial, como elas se comportaram diante de Deus, dos profetas, em relação à palavra [de Deus], [se praticaram] culto a Deus ou idolatria.²²

Na mesma introdução, Lutero escreveu que Isaías teria principalmente denunciado a idolatria e só em parte repreendido os outros vícios, como ganância, jactância e bebedeira. Apesar disso, na interpretação de diferentes passagens de Isaías — como em 5.8, citado acima — ele pôs idolatria e ganância no mesmo patamar. Essa aparente contradição pode ser esclarecida com a observação de que Lutero, em sua introdução, queria desenvolver a relação entre a mensagem do profeta acima de tudo com os temas fundamentais da fé e do pecado contra o primeiro mandamento, para em seguida acrescentar a crítica à ganância — como idolatria e não como simples mal menor²³.

2.1.5. *Idolatria e Acumulação: Cl 3.5*

A conexão entre idolatria e ganância em *Cl 3.5* moveu Lutero a destacá-las de modo especial no âmbito do amplo catálogo de pecados ali presente. Isso pode ser observado numa prédica de abril de 1534 sobre Cl 3.17. A fé não deveria ser restringir apenas ao que os cristãos dizem e ouvem, mas converter-se em boas

obras e aperfeiçoar-se. Com os pecados ali citados o apóstolo estaria caracterizando uma vida mundana, carnal e em oposição ao comportamento no Espírito. Enfim, estaria caracterizando o reino do diabo. Semelhante vida mundana poderia, por sua vez, acontecer na esfera espiritual — através de doutrina falsa, incredulidade, desprezo à Palavra — e na esfera carnal — a da ganância²⁴. Os pecados listados nesse texto pertenceriam à esfera da carne e, por causa de sua rudeza, seria possível identificá-los e condená-los com o auxílio da razão²⁵.

Se Lutero se dedicasse pormenorizadamente a falar apenas sobre a ganância, sua prédica estender-se-ia por demais, já que ela se manifesta em todas as categorias profissionais e no comércio. Em oposição à ganância, a pessoa cristã deveria viver generosamente. Isso consistiria não só em liberalidade para com o próximo, mas também em estar satisfeito com o que se obtém de Deus através do trabalho ou ofício e ansioso pelos bens do reino de Deus²⁶. Para Lutero também jamais seria suficientemente descrito quão bem a ganância consegue vender-se como algo belo, virtuoso, correto e honrado. Na idolatria de Mâmon estar-se-ia usando a desculpa da busca — necessária e ordenada por Deus — da subsistência pessoal e familiar a fim de encobrir a ganância ou a ânsia pela riqueza iníqua. Isso estaria tão propagado e inserido na coletividade que nem os pregadores nem as autoridades podiam combatê-lo com eficiência²⁷.

2.1.6. Destruição da Humanidade: Gn 29-31

Em *Gn 29-31*, segundo Lutero, tem-se demonstrada no caso de Labão, de forma exemplar, a repercussão da ganância na existência humana. Acima de tudo, pelo modo de Labão agir em relação a Jacó seria observável quão grande injustiça o ganancioso pode praticar contra seu próximo. Enquanto Jacó deveria ser caracterizado como justo e santo, Labão representaria exatamente o contrário por causa de sua ganância. Na passagem de *Gn 31.1*, que para Lutero devia ser lida em conexão com *1 Tm 6.10*, a Escritura apresentaria uma autêntica descrição da ganância, que é uma espécie de combinação de todos os pecados. Em Labão, que desprezava e explorava os próprios filhos, revelar-se-ia a capacidade da ganância de destruir a humanidade no indivíduo. De igual modo seria extremamente importante no caso de Labão o estreito vínculo entre ganância e idolatria. Até mesmo o roubo dos ídolos do lar de Labão por Raquel (*Gn 31.19*) teria sido aprazível a Deus, que deste modo acabou punindo a Labão, o qual, como ídólatra, pecara contra a primeira tábua da lei e como ganancioso contra a segunda²⁸.

3.1.7. Bezerra de Ouro e Espoliação: 1 Co 10.1-13

De acordo com Lutero, Paulo escreveu em *1 Co 10.1-13* acerca da idolatria entre os coríntios tendo em mente os cultos gentílicos. Apesar disso, os cristãos contemporâneos ao reformador não poderiam dizer que não eram ídólatras por deixarem de praticar semelhantes cultos. Com base nesse texto, ele abordou então

duas formas de idolatria em seu tempo: a dos falsos mestres, que anunciam uma fé falsa, e a da ganância, tratada em Lc 16 e Cl 3.5. Da segunda forma de idolatria poucas pessoas, dentre todos os estratos sociais, poder-se-iam declarar livres e ninguém dever-se-ia considerar melhor do que os judeus, descritos aqui por Paulo com base em seus pecados dos tempos do Antigo Testamento. Lutero viu na ganância o bezerro de ouro (Êx 32) de seu tempo, que era adorado sempre que o próximo fosse explorado, mesmo que por um pequeno lucro. Deus, porém, não toleraria de modo algum a presença desse bezerro, tratando de castigar os idólatras por meio da tirania dos turcos ou do papa²⁹.

2.2. Idolatria e Culto a Mâmon: Textos Diversos

O verdadeiro culto a Deus só pode emanar, para Lutero, a partir da fé. Ele o compreendia não só em sentido estrito como atividade litúrgica, mas bem mais como manifestação da fé em todos os âmbitos da vida humana. Com freqüência e especialmente por ocasião de interpretações do primeiro mandamento, do sermão do monte e de textos paulinos clássicos sobre ganância e idolatria (Ef 5.5; Cl 3.5 e 1 Tm 6.10)³⁰, ambas apareceriam como elementos contrários à fé e ao verdadeiro culto.

Ao explicar o *Sl 136.2*, Lutero disse que o reconhecimento do Senhor como verdadeiro Deus diante de todos os deuses provaria serem todos os deuses deus algum. Na sua época (*hodie*), esses deuses deveriam ser procurados, com base no que Paulo diz ao definir a ganância como idolatria, entre os gananciosos³¹.

Lutero relacionou todos os demais mandamentos e os pecados contra eles cometidos com o *primeiro mandamento*, pois para ele o pecado sempre seria desprezo de Deus. Isso deveria ser sublinhado especialmente em relação à ganância, ligada por Paulo à idolatria. Essa preocupação específica do apóstolo com o pecado da ganância ter-se-ia dado porque ela, à diferença de outros pecados, teria uma preferência pelas imagens e ídolos³². Quando Moisés, ao explicar o primeiro mandamento (Dt 6.1-13), mostrou como alguém peca contra ele e quais as causas disso, citou em primeiro lugar riquezas e abundância ou, na compreensão de Lutero, Mâmon e ganância. Segundo o reformador, haveria também outros textos na Escritura Sagrada em que a ganância aparece em íntima conexão com o pecar contra o primeiro mandamento³³. O coração humano deposita sua confiança nas coisas presentes e não nas que estão ausentes. A confiança nas riquezas, ao governar o coração, exclui dele a fé e o amor, o que significa tanto quanto esquecer-se do Senhor. Aqui se demonstra — assim Lutero — como Moisés compreendeu o primeiro mandamento em sentido espiritual (*spiritualiter*), ou seja, no sentido da confiança em Deus (*fiducia dei*), contra a idolatria do coração (*idolatria cordis*) e a confiança nas criaturas (*fiducia rerum*)³⁴.

Ao explicar *Is 2.8* — *Repleta est terra ydolis* —, Lutero disse que sob “ídolo” dever-se-ia compreender mais do que apenas uma imagem ou estátua. Toda opinião proveniente de uma mentalidade ímpia, que sem a autoridade da

Escritura se apresenta como originada em Deus, deve ser compreendida como ídolo. Exemplos de ídolos assim seriam as opiniões de que a missa produz efeito pela obra humana operada, que o jejum é uma obrigação e que vestimentas especiais devam ser trajadas em certas cerimônias religiosas. Ligadas imediatamente ao surgimento desses ídolos estariam a servidão ao ventre e a ganância³⁵.

3. Idolatria e Economia segundo Teólogos Latino-Americanos

Diversos teólogos na América Latina ocuparam-se com os temas da idolatria e da economia. Suas investigações apresentam muitas diferenças, derivadas de distintas concepções teológicas básicas e contextos sociais de origem diferenciados; por outro lado, possuem também muitos pontos em comum. Com o objetivo de resumir as linhas básicas dessa reflexão teológica, foram escolhidos trabalhos de cinco representantes da teologia latino-americana, que são contemplados na breve exposição a seguir.

Franz Hinkelammert escreve sobre a idolatria a partir de seus intensivos estudos sobre a chamada crítica ao fetichismo, como parte integrante da economia política de Karl Marx. Por meio de sua crítica ao fetichismo das mercadorias, do dinheiro e do capital, Marx ter-se-ia colocado dentro de uma determinada tradição cristã. Ele próprio estivera consciente disso, como indicam, p. ex., numerosas citações de Lutero em *O Capital*³⁶.

Fetichismo seria para Marx, segundo Hinkelammert, o submetimento do ser humano juntamente com sua vida concreta ao produto de suas próprias mãos. Ele seria, em conseqüência, destruído pela relação por ele estabelecida com o ídolo. Cada ídolo seria nesse sentido um Moloque, um “deus” ligado à opressão, que devora o ser humano. A idolatria na metafísica empresarial, contudo, diferenciase fundamentalmente da idolatria na Bíblia. A metafísica dos empresários refere-se a um produto que em verdade e logicamente provém da ação humana, mas que é não-intencional. Isso significa que essa criação humana (o mercado, o dinheiro ou o capital), que é adorada, não é produto da ação (*acción*) humana — como de resto é o caso na idolatria bíblica —, mas das relações interpessoais (*interacción*). A idolatria surgiria da forma pela qual as pessoas estabelecem suas relações umas com as outras. Por isso, o ídolo da metafísica empresarial seria invisível. Ele não se forma com elementos da natureza concreta, como o ídolo bíblico. Por essa razão, a idolatria empresarial seria capaz de assumir muitos pontos centrais da tradição cristã, os quais transforma em elementos do fetichismo.

A metafísica empresarial põe em evidência um conceito de natureza cujo único obstáculo é o ser humano, que exprime suas necessidades e reivindica ser a natureza concreta o único lugar e a única condição para sua vida. Contra esse poderoso fetiche, a crítica bíblica à idolatria teria uma função decisiva de diferenciar entre Deus e os ídolos. O verdadeiro Deus quer, segundo a tradição

bíblica, que o ser humano com suas necessidades concretas esteja no centro da sociedade e da história. Na sua luta com o ser humano, o ídolo luta contra o próprio Deus. Ele se mostra como Deus, arruinando o ser humano, que é obrigado a encontrar na miséria o caminho para a grandeza de Deus. O Deus da Bíblia, ao contrário, está ali onde a sociedade e a história têm como objetivo o ser humano concreto e a satisfação de suas necessidades³⁷.

Para *Enrique Dussel*, a fetichização ou divinização de uma pessoa, coisa, relação ou sistema social dar-se-ia sempre pela negação do outro em sua alteridade. O pecador seria aquele que “devora meu povo, como se fosse pão” (Sl 14.4), que o mata e rouba. Com a eliminação do outro na relação, o insensato pensa: “Não há Deus” (Sl 14.1). Não há Deus algum a não ser eu próprio, pensa aquele que nega o outro. Se alguém torna sua existência dependente do fim das outras pessoas, isso é idolatria. Os profetas combateram a idolatria dos cananeus e até mesmo dos israelitas. No caso de Adão e Eva, a tentação teria consistido no fato de eles quererem ser como deuses, não mais desejando permanecer na relação pessoa-pessoa, de serviço ao próximo (Sl 115.4-8)³⁸.

Semelhante realidade marcada pela idolatria não pertenceria apenas ao passado. O capital nega da mesma forma sua origem — o trabalho do operário — e quer que seja verdade que seu crescimento e ganho sejam engendrados por ele próprio, e não apropriados da “mais-vida” do trabalhador. Desse modo, o capital nada deveria a ninguém, sendo responsável pela geração de todos os valores. O trabalhador seria negado como fonte do valor. Graças a essa “separação”, o capital viria a tornar-se um fetiche, ao passo que o trabalho seria alienado. Na prática, se o capital (como algo que por si tem direito a lucro) for separado do trabalho (como algo que por si tem direito a salário), acaba-se esquecendo que todo capital é resultado do trabalho e que não se trata de dois elementos: há apenas trabalho objetivado (capital) e trabalho vivo (o trabalho do sujeito atuante no tempo e no espaço). A vida, objetivada no valor daquilo que por ela é produzido, não seria integralmente recompensada com o salário que recebe³⁹.

Pablo Richard descreve três características da idolatria, em parte com a ajuda de textos bíblicos. Na história do bezerro de ouro (Êx 32) não teria ocorrido a negação de Iahweh e a adoração de um outro deus, mas Iahweh teria sido manipulado. Em verdade, Iahweh manipulado não seria mais Iahweh, mas um ídolo que usa o mesmo nome de Deus. O pecado do povo seria um pecado contra a esperança: não teria havido mais confiança alguma em Moisés e na possibilidade de uma libertação completa depois que se sobrevivesse ao deserto e se conquistasse a terra prometida. “Melhor seria, se não tivéssemos fugido do Egito.” A raiz do pecado contra a esperança seria a idolatria, um pecado contra a transcendência de Iahweh: não a transcendência de um Deus que está acima do terreno e visível, mas a transcendência de um Deus que supera a impossibilidade pela qual as pessoas permanecem presas à opressão do sistema e até mesmo à morte.

Uma segunda característica da idolatria seria, para Richard, a perda da

identidade e da vida do povo. Ao abandonar o Deus de Israel e voltar-se aos deuses estrangeiros, Israel estaria rompendo a aliança com Iahweh (o compromisso com o direito e a justiça em favor dos pobres, viúvas, órfãos e forasteiros) para a qual foi eleito. A perda de identidade equivale à perda da subjetividade, ou seja, da capacidade de ser sujeito histórico, que reúne o povo em torno à justiça.

A terceira característica da idolatria residiria no poder de matar em nome de Deus. O opressor pode matar e oprimir. Isso, porém, tem seus limites. Ninguém, a não ser que seja mentalmente desequilibrado, suporta viver por muito tempo com a fama de assassino. Ou alguém tem sua consciência pervertida, ou então deixa de matar. O sistema pecaminoso elimina a si próprio pelo próprio pecado. Por causa disso acaba desenvolvendo-se o poder opressor, a fim de superar essa barreira e ir em direção à idolatria. Esta, por sua vez, identifica-se com um sujeito abstrato, transcendente e universal, inventado por ela própria. Em nome desse sujeito transcendental e identificado com ele, o sujeito histórico e concreto (o opressor) assassina com toda a legitimidade e boa consciência. Dessa forma, ele agrada a Deus. A morte do oprimido tornar-se-ia o caminho aprazível a Deus para a salvação do sistema.

Em resumo: ao tratar da idolatria, Richard faz referência a um Deus inventado pelo sistema opressor, que serve a este de fundamento para que se tire às pessoas a esperança na edificação de uma sociedade mais humana. Desse modo, assassina-se em nome de Deus. Morte e sacrifício seriam os únicos caminhos possíveis e desejados por Deus para a salvação⁴⁰.

Hugo Assmann define os ídolos como deuses da opressão. A conexão entre idolatria e opressão estaria em consonância acima de tudo com a tradição bíblica. Este é o caso nas determinações da lei, na denúncia da injustiça pelos profetas e nas rupturas idolátricas da aliança, que se manifestaram em forma de violência contra o próximo e de oposição a uma vida comum solidária e fraternal. A reflexão teológica contemporânea, que estaria lendo a Bíblia diferentemente do que os teólogos da libertação, ocupar-se-ia com frequência de muitas idolatrias menores. A priorização da ligação da idolatria com a opressão sócio-econômica não deveria ser vista como um reducionismo arbitrário. A idéia de idolatria deveria necessariamente ser lembrada em todas as ocasiões nas quais a vida humana se vê ameaçada por símbolos religiosos. Porém, do ponto de vista dos países subdesenvolvidos, deveria ser facilmente perceptível, porque se dá maior atenção à destruição da vida material e aos modelos sócio-econômicos responsáveis por isso.

A defesa teórica de um mercado ilimitado como caminho exclusivo e universal exigiria, segundo Assmann, aceitação incondicional e fé ilimitada. O essencial na idolatria do mercado seria a teologia intrínseca e endógena do seu próprio paradigma liberal, neoliberal e neoconservador, ou seja, sua justificação teórica. A espiritualidade idolátrica corresponderia a prática diária dos que levam a sério a exigência desse paradigma. A idolatria econômica ocorreria acima de tudo dentro das relações sociais derivadas dessa compreensão econômica. As

formas de expressão dessa teologia idolátrica deveriam, por isso, ser buscadas nas teorias econômicas. Com base nessa constatação, Assmann investiga a teologia que se encontra sob as formulações da “*invisible hand*” (Adam Smith) e do “leiloeiro” (M. E. León Walras). Essas imagens acentuariam a idéia de uma ordem pré-estabelecida, que se opõe ao caos e esclarece tanto a ordem cósmica como a social. Elas legitimariam o poder, mesmo quando este é exercido de modo contraditório e arbitrário. Ambas as características seriam constitutivas na idolatria do mercado⁴¹.

Para *Júlio de Santa Ana* haveria na história uma clara contradição entre os poderes que lutam pela libertação e os que querem manter a opressão. A Bíblia estaria marcada pelo confronto entre Deus — que não queria ser adorado por meio de imagens que o representassem — e os ídolos humanos (poder, violência, dinheiro, mercado). Todos esses ídolos estariam, de um modo ou outro, vinculados à exploração e à injustiça na sociedade. Eles exigiriam sacrifícios. O Deus da Bíblia tornou-se humano em Jesus de Nazaré e não quer sacrifício algum, pois ele próprio se deu como sacrifício⁴².

Às pessoas, de acordo com Santa Ana, seria feita a oferta de amar o mercado e viver segundo suas regras. Considerações éticas ficariam em segundo plano. As leis do mercado seriam mais importantes do que todos os outros preceitos em relação à vida humana. O mercado mostrar-se-ia então como um deus, que assume a totalidade de suas leis reguladoras como a única moral. O mercado — exceto quando surgem acordos ou sociedades — transforma os que dele participam em competidores e inimigos. Na luta representada pelo livre mercado haveria vencedores e perdedores; pessoas que trazem ao ídolo seu sacrifício e pessoas que são sacrificadas. O ídolo não se sacia sem violência⁴³.

4. Diferenças e Pontos em Comum

Aqui deveria ser repetida a pergunta feita a princípio, se é possível ou não comparar a reflexão de Lutero e de teólogos latino-americanos sobre temas econômicos. Gostaria de colocar-me entre aqueles que, depois da leitura das duas partes anteriores, julgam ser possível constatar diferenças e pontos em comum entre Lutero e teólogos latino-americanos, quando abordam a conexão entre idolatria e economia.

Uma diferença fundamental se encontra na determinação do lugar de origem da idolatria. Lutero vinculou a idolatria na esfera econômica com o pecado da ganância, compreendida por ele como concupiscência dos olhos — com base em 1 Jo 2.16 —, como impulso e força dentro do ser humano, que o impele à prática do mal. Ele considerou a ganância como uma forma do pecado, que camufla a injustiça e a exploração de uns pelos outros sob a máscara das melhores intenções e das boas obras. Sem interrupção ela estende seus tentáculos, desenvolve-se a partir da natureza humana egoísta e assume permanentemente novas formas e estruturas econômico-sociais.

Os teólogos acima citados localizam via de regra a origem da idolatria no plano das relações interpessoais desiguais e injustas. Eles salientam expressamente o lugar “sociológico” do pecado. Isso não quer dizer que ignorem a compreensão de pecado na relação entre Deus e o ser humano. Em seu meio há certamente diferentes concepções antropológicas — algumas delas bem distantes da de Lutero, outras menos —, que neste trabalho não puderam ser consideradas. No entanto, o ponto de partida antropológico de Lutero e acima de tudo o conteúdo de sua antropologia possibilitaram-lhe especificar mais claramente os limites da ação humana — simultaneamente justa e pecaminosa — contra idolatria, injustiça, opressão e sacrifícios idolátricos na economia. Não resta a menor dúvida que Lutero, justamente na questão antropológica, pode trazer uma importante contribuição à reflexão teológica latino-americana.

Em sua aproximação ao tema da idolatria os teólogos latino-americanos acentuam que para considerá-la é necessário identificar a opressão tanto no mundo da Bíblia quanto no contexto atual. De modo semelhante, o exegeta de Wittenberg manifestou-se contra uma interpretação alegórica de textos centrais da Escritura Sagrada sobre a idolatria — especialmente de profetas do Antigo Testamento. A alegoria ignoraria e ocultaria a presença da idolatria, ao espiritualizá-la e não a reconhecer no dia-a-dia.

Tanto Lutero quanto os teólogos latino-americanos abordados sublinham a estreita ligação entre o ensino falso e a idolatria. Isso pressupõe uma diferenciação entre a prática e a legitimação da idolatria. No caso dos teólogos, permanece em primeiro plano o confronto com o caráter idolátrico da economia política e de determinadas interpretações do ensino social da Igreja. Lá, Lutero via os falsos mestres como idólatras, que ensinavam ao povo pobre, simples e iletrado a justiça das obras para assim explorá-lo. Nisso baseou ele sua crítica à mais poderosa potência econômica de sua época, a Igreja Católica Romana.

Segundo os teólogos latino-americanos citados, o mercado tem sua própria racionalidade e não se vê de modo algum como responsável pela vida humana. Para que suas leis sejam seguidas, ele exige os sacrifícios necessários. Aí justamente reside seu caráter idolátrico. Por outro lado, Lutero também denunciou a idolatria presente na defesa de uma determinada racionalidade econômica. Ele observou como as práticas comerciais e financeiras dos gananciosos e idólatras de seu tempo eram consideradas apropriadas e necessárias, mesmo que houvesse exploração do outro, pobres famintos e gente passando todo tipo de necessidade. O reformador atestou a existência de uma subversão dos valores: pecado era transformado em virtude, idolatria em culto a Deus, ganância em fé. Tanto o governo espiritual quanto o secular eram ameaçados e afastados de seus objetivos pela idolatria. Aqueles que levavam a sério seu ministério profético e pregavam o Deus da Bíblia e da vida acabavam recebendo o estigma de idólatras, ateus, utopistas e hereges.

5. Teses para Reflexão e Discussão

1) Teólogos latino-americanos não-luteranos, que se ocuparam com a vida e o pensamento de Lutero, pouca atenção deram a suas idéias sobre temas da economia.

2) Contextos sociais completamente distintos (Europa central no século XVI e América Latina no século XX) junto com pressupostos totalmente diferentes de então e de hoje para uma análise sociológica e econômica podem ter sido o principal obstáculo para tal.

3) A reflexão de Lutero sobre temas econômicos pode, apesar disso, ser comparada com a de teólogos latino-americanos.

4) Uma das formas de fazê-lo é investigando os pontos de vista a partir dos quais se aborda a Bíblia para fundamentar a crítica à idolatria na economia.

5) Lutero viu no pecado da ganância a origem da idolatria econômica. Ele compreendeu a ganância como concupiscência dos olhos (cf. 1 Jo 2.16), como força motriz dentro da pessoa que a impele à prática do mal.

6) Essa mesma ganância, para ele, representa uma forma de pecado que oculta a injustiça e a exploração sob uma fachada de belas intenções e boas obras; que ocupa o lugar da fé e chama a idolatria de culto a Deus.

7) Além disso, a ganância se expande ininterruptamente. Transcende a natureza egoísta da pessoa e assume permanentemente novas formas, relações e estruturas dentro da vida econômica

8) Os teólogos latino-americanos abordados, em contrapartida, concentram-se mais nas relações interpessoais desiguais e injustas quando perguntam pela origem da idolatria. Eles salientam mais o lugar “sociológico” do pecado.

9) Tanto Lutero como aqueles teólogos privilegiam uma exegese bíblica que pressupõe a conexão direta entre idolatria e opressão.

10) Tanto Lutero como aqueles teólogos diferenciam entre a prática e a legitimação da idolatria.

11) Lutero, por um lado, relaciona a prática e a legitimação da idolatria respectivamente com a espiritualidade das obras (sob a lei) e com sua justificação teológica.

12) Entre os teólogos latino-americanos, por outro, vêem-se a prática e a legitimação respectivamente na atividade segundo as regras de uma racionalidade econômica que despreza a vida humana e nas doutrinas econômicas defensoras dessa racionalidade.

13) Tanto Lutero como aqueles teólogos denunciam uma completa subversão dos valores pela idolatria. Quem anuncia o Deus da Bíblia, que dá e protege a vida, recebe o estigma de ímpio, blasfemo e herege.

Notas

- 1 Texto traduzido e adaptado de palestra apresentada ao grupo de seminário sobre “Lutero e Teologia da Libertação”, reunido no âmbito do 8º Congresso Internacional de Pesquisa de Lutero, em St. Paul, Minnesota, EUA (8-14/8/1993).
- 2 Refiro-me aos trabalhos de Leonardo BOFF, A Significação de Lutero para a Libertação dos Oprimidos, in: —, *E a Igreja Se Fez Povo — Ecclesio gênese*; e Igreja que Nasce da Fé do Povo, Petrópolis, Vozes, 1986, pp. 164-179, e Hugo ECHEGARAY, Lutero e Mün[t]zer: Duas Concepções Antitéticas do Processo de Libertação, in: *Utopia e Reino na América Latina*, São Paulo, 1989, pp. 78-104. Pelo que consta, até o momento foram exclusivamente teólogos luteranos da América Latina os que se ocuparam com o pensamento econômico de Lutero. Cf. Joachim FISCHER, Lutero e o Capitalismo Incipiente, *Estudos Teológicos*, 21:88-111, 1981; Walter ALTMANN, *Confrontación y Liberación*; una Perspectiva Latinoamericana sobre Martín Lutero, Buenos Aires, 1987, pp. 165-174; Vítor WESTHELLE, O Desencontro entre a Teologia Luterana e a Teologia da Libertação, *Estudos Teológicos*, 26:37-72, 1986, e Ricardo W. RIETH, “Habsucht” bei Martin Luther; ökonomisches und theologisches Denken, Tradition und soziale Wirklichkeit im Zeitalter der Reformation [“Ganância em Martinho Lutero; Pensamento Econômico e Teológico, Tradição e Realidade Social na Era da Reforma], Universidade de Leipzig, 1992 (tese de doutorado inédita).
- 3 A respeito de idolatria na tradição judaico-cristã cf. Julien RIES, Idolatry, in: Mircea ELIADE, ed., *The Encyclopedia of Religion*, New York/London, 1987, vol. 7, pp. 73-78.
- 4 Martinho LUTERO, Catecismo Maior — 1529; 1ª Parte: dos Mandamentos [1º Mandamento], 2s., in: *Livro de Concórdia*; as Confissões da Igreja Evangélica Luterana, São Leopoldo, Sinodal; Porto Alegre, Concórdia, 1980, p. 394s. Sobre a interpretação dessa passagem cf. Gerhard EBELING, *O Pensamento de Lutero*; uma Introdução, São Leopoldo, Sinodal, 1988, pp. 194-213; Horst BEINTKER, Luthers Gotteserfahrung und Gottesanschauung, in: Helmar JUNGHAUS, ed., *Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546*; Festgabe zu seinem 500. Geburtstag, Berlin/Göttingen, 1983, pp. 41-51; Albrecht PETERS, *Die Zehn Gebote*; Luthers Vorreden, Göttingen, 1980, pp. 109-125 (Kommentar zu Luthers Katechismen, 1).
- 5 LUTERO, op. cit., 10 [p. 395].
- 6 ID., ibid., 5-9 [p. 395].
- 7 Sobre o uso do termo e a abrangência do conceito de ganância em Lutero cf. RIETH, op. cit., pp. 80-84, e ID., *Fé versus Ganância*; uma Reflexão sobre o Pensamento Econômico de Lutero e Suas Implicações para Igreja e Teologia no Brasil, *Estudos Teológicos*, 33:157-167, 1993, especialmente pp. 158-162.
- 8 A parte 2 deste trabalho resume parcialmente os resultados de pesquisa relatados em RIETH, op. cit., 1992, pp. 85-137.
- 9 AWA [*Archiv zur Weimarer Lutherausgabe*, Köln/Wien, 1981ss.] 2, 267, 20-26 = WA [*D. Martin Luthers Werke*; kritische Gesamtausgabe, Weimar, 1883ss.] 5,148,39-149,4.
- 10 WA 5,421,30-35.
- 11 Cf. WA 5,421,10-423,7, especialmente 421,36- 422,9.
- 12 Cf. WA DB [*D. Martin Luthers Werke*; kritische Gesamtausgabe; Die Deutsche Bibel; 12 Bde. Weimar 1906-1961] 10/1,138s. Veja também o resumo que Lutero fez desse mesmo salmo entre 1531-1533, onde ele contrapõe “Gottes dienst” [culto a Deus] a “Bauch dienst” [culto à barriga] e menciona o primeiro mandamento: WA 38,22,21-35.
- 13 WA 17/II,207,21-26.
- 14 WA 17/II,205,19-23.
- 15 WA 17/II,210,18s. Nesse contexto, Lutero citou 1 Tm 5.8.

- 16 WA 17/II,211,10-20.
- 17 WA 17/II,211,22-35.
- 18 WA 17/II,212,1-12.
- 19 WA 17/II,212,13-22
- 20 Cf. WA 17/I,414,7-12; 415,22-32. Veja também 4,708,9,36; 713,13; 11,177,2-10; 12,665,3-8; 20,493,24-40; 22,261,34-262,10; 263,38-264,11; 27,341,4-9; 351,8-353,8.
- 21 Cf. WA DB 11/I,6,27-10,7.
- 22 WA DB 11/I,16, 21-26.
- 23 WA DB 11/I,22,29-24,4.
- 24 WA 37,368,11-369,29; cf. 21,267,320-268,32.
- 25 WA 37,31-371,1; cf. também 21,270,7-14.
- 26 WA 37,372,1-8; cf. 21,271,14-18.
- 27 WA 37,372,14-373,11; cf. 21,271,22-37.
- 28 Cf. também WA 9,509,19; 579,13-30; 581,28-31; 583,4-26.
- 29 Cf. WA 49,540,16-542,11 / 540,32-542,31. Veja também 41,389,17-390,33; RN 41, 119 f.
- 30 Cf., p. ex., WA 17/II,211,4-20, onde Lutero explica por que em Ef 5.5 o ganancioso é chamado de idólatra.
- 31 WA 4,427,27-32.
- 32 Cf. WA 1,519,14-21.
- 33 Cita como exemplos Baroque 3.17; 1 Tm 6.10; Cl 3.5.
- 34 WA 14,612,29-613,16.
- 35 Cf. WA 25,100,40-101,9; 31/II,24,24-26.
- 36 Cf. Franz HINKELAMMERT, *As Armas Ideológicas da Morte*, São Paulo, 1983, p. 44.
- 37 ID., *ibid.*, p. 179s.
- 38 Cf. Enrique DUSSEL, *Ética Comunitária*, 2. ed., Petrópolis, 1987, p. 30. Veja também ID., *Para uma Ética da Libertação Latino-Americana*; vol. 5: Uma Filosofia da Religião Antifetichista, São Paulo/Piracicaba, 1981, pp. 48s.
- 39 Cf. ID., *op. cit.*, pp. 149s.
- 40 Cf. Pablo RICHARD, *A Força Espiritual da Igreja dos Pobres*, Petrópolis, 1989, pp. 111-119. Jung Mo SUNG, *Deus numa Economia sem Coração; Pobreza e Neoliberalismo, um Desafio à Evangelização*, São Paulo, 1992, pp. 90s., traz um resumo do pensamento de Richard a respeito.
- 41 Cf. Hugo ASSMANN, *A Idolatria do Mercado*, in: ID. & Franz HINKELAMMERT, *A Idolatria do Mercado; Ensaio sobre Economia e Teologia*, São Paulo, 1989, pp. 250-262 (Teologia e libertação, série V, vol. 5). Para um resumo da pesquisa de Hinkelammert e Assmann veja Ulrich DUCHROW, *Weltwirtschaft heute: ein Feld für die Bekennende Kirche?*, München, 1986, pp. 202-210 [ed. em inglês: *Global Economy: a Confessional Issue for the Churches*, Geneva, 1987, pp. 162-184].
- 42 Júlio de SANTA ANA, *O Amor e as Paixões; Crítica Teológica à Economia Política*, Aparecida/SP, 1989, p. 66.
- 43 ID., *ibid.*, p. 56.

Ricardo Willi Rieth
 Escola Superior de Teologia
 Caixa Postal 14
 93001-970 São Leopoldo — RS